

REGRA

do Santo Pai Agostinho



Roma - 2023

N. B.:

O texto da edição crítica é o de Fr. Luca Verheijen, OSA (*La règle de saint Augustin*, Paris 1967, I, pp. 417-437) com o acréscimo de duas variantes que pertencem ao texto comumente aceito: o n. 1 e as palavras: “Quod si aliquis rem sibi collatam celaverit, rohti iudicio contemnetur” no n. 32. Para facilitar a leitura e as citações, também são adicionados os títulos dos capítulos e a numeração progressiva do texto.

Capítulo 1. Finalidade da vida religiosa

- 1) Antes de tudo, irmãos queridos, amai a Deus e, em seguida, ao próximo, visto serem estes os principais mandamentos que nos foram dados.
- 2) Na vida conventual, observai, pois estes preceitos.
- 3) Vivei unânimes na casa, tendo “um só coração e uma só alma” (At 4,32) em Deus, porque a concórdia é a primeira finalidade de vossa vida em comunidade (Sl 67,7).
- 4) Nada chameis, por isto, propriedade vossa, mas tudo seja comum entre vós. O superior distribua a cada um o alimento e a roupa (1Tim 6,8) não de maneira uniforme para todos, porque nem todos tem a mesma saúde, mas segundo as necessidades individuais, pois nos *Atos dos Apóstolos* lemos que “eles tinham tudo em comum e a cada um se distribuía conforme a sua necessidade” (At 4,32).
- 5) Aqueles que no século possuíam alguma coisa, entrando na comunidade conventual, tenham prazer em ver que os seus bens passam a ser de todos.
- 6) Os que no século nada possuíam, também não procurem no convento o que fora dele não puderam ter. Recebam, no entanto, tudo quanto precisarem, devido à sua fraqueza, mesmo que sua pobreza no mundo não lhes tenha permitido nem sequer o indispensável. Não se julguem, porém, felizes por terem encontrado alimento e roupa que antes não puderam permitir-se.

Capítulo 2. Fundamento da humildade, respeito e amor recíprocos

- 7) Tão pouco se ensoberbeçam por se encontrarem em companhia de quem, no século, não ousavam aproximar-se. Dirijam, antes, o coração para o alto e não às vaidades terrenas (Col 3,1-2), para evitar que o convento seja de proveito apenas para os ricos e não para os pobres, se, ali os primeiros se humilham e os outros se ensoberbecem.
- 8) Aqueles, todavia, que no mundo pareciam significar alguma coisa (Gl 2,2), não menosprezem os de proveniência pobre que vieram para esta comunidade santa. Gloriem-se, antes, da convivência com os seus coirmãos pobres do que da alta posição de seus pais ricos. Também não se ensoberbeçam, caso tenham doado uma parte dos seus bens para a vida comum, a fim de impedir que se tornem mais orgulhosos, dando suas riquezas à comunidade, do que se os tivessem gozado no mundo. Qualquer vicio incita para o pecado, a soberba vai, entretanto, além. Ela até mesmo prejudica as próprias obras boas, levando-as à ruína. Que aproveita dar os próprios bens aos necessitados para tornar-se pobre, se a mísera alma, com o desprezo das riquezas se torna mais soberba do que quando as possuía (Sl 111,9; Lc 18,22; 1Cor 13,3)?
- 9) Vivei, pois, unânimes e concordes, honrando reciprocamente em vós Deus (Rm 15,6) de quem sois templos vivos (2Cor 6,16).

Capítulo 3. Oração

- 10) Dedicai-vos com zelo (Rm 12,12; Cl 4,2) à oração nas horas e nos tempos marcados.
- 11) Reservai o oratório para aquilo a que foi destinado, à oração, pois o próprio termo define a sua finalidade. Isto para impedir que, se alguém, tendo tempo, quiser rezar também fora do horário estabelecido, não seja perturbado por quem achar conveniente usá-lo para outros fins.
- 12) Quando vos dirigis a Deus com salmos e cânticos, vivei no coração o que exprimis com a boca.

13) Cantai só o que é escrito para o canto. O que não é escrito para cantar, também não deve ser cantado.

Capítulo 4. Mortificação e refeição em comum

14) Domai a vossa carne pelo jejum, abstendo-vos de comida e bebida, conforme a vossa saúde. Todavia, se alguém não puder jejuar, não coma, pelo menos, fora das horas de refeição a não ser que esteja doente.

15) Estando à mesa, ouvi, sem ruídos e discussões aquilo que vos é lido, segundo o uso, de sorte que não só a boca receba alimento, como também os ouvidos ávidos da palavra de Deus (Am 8,11).

Capítulo 5. Consideração e discrição

16) Se alguns, devido à sua fraca constituição, proveniente do estilo anterior de vida, forem tratados com certa regalia na alimentação, os de constituição mais robusta, tornados assim pelo seu padrão de vida precedente, não se aborream, nem vejam nisto injustiça. Tão pouco os julgue mais felizes por comerem aquilo que eles não comem. Ao contrário, parabenizem-se por serem capazes de maior mortificação.

17) Da mesma forma, quando aos de costumes mais delicados se conceder algo em roupa, cama e agasalho que não é dado aos mais robustos, e por isto mais felizes, estes últimos devem considerar quanto aqueles renunciaram dos seus costumes de vida, ao deixarem a vida do mundo e abraçarem a vida conventual, mesmo que não cheguem a igualar a sua frugalidade com a dos de constituição mais forte. Não é possível que todos queiram aquilo que é dado a alguns, não com a intenção de honrá-los, mas porque inspiram compaixão. Isto para evitar que, na vida conventual os ricos se mortifiquem ao máximo, enquanto que os pobres se tornem delicados e exigentes.

18) Se os doentes devem comer menos para não piorarem, os convalescentes, ao contrário, devem alimentar-se de tal forma, mas também os provenientes de extrema pobreza, que possam restabelecer-se prontamente, pois a recente doença causou a eles o estado de fraqueza em que o anterior padrão de vida deixou os ricos. Logo, porém, que tiverem readquirido as devidas forças, voltem à sua vida normal que será sem dúvida, tanto mais feliz, quanto menores as exigências, já que isto é mais consoante com a vida de um servo de Deus. Restabelecida a saúde, o prazer não os retenha nesta vida cômoda para a qual foram levados em virtude das exigências de sua doença. Considerem-se, antes, mais ricos, quando forem capazes de suportar maior abstenção, porque é melhor precisar de pouco do que possuir muito (Lc 2,6).

Capítulo 6. Modéstia e responsabilidade recíproca

19) Vosso comportamento seja discreto. Não chameis atenção pela vossa maneira de vestir, tão pouco procureis agradar por ela, mas por vossos bons costumes.

20) Quando sairdes, ide juntos e juntos ficai, quando chegardes ao destino.

21) Nada haja no vosso modo de andar, de parar e de comportar-vos, assim como em todos os vossos movimentos, que possa ofender o olhar de outros. Tudo esteja de acordo com o vosso santo estado de vida.

22) Os vossos olhos, mesmo que derem sobre alguma mulher, não se fixem em nenhuma. É certo que, quando saís, não vos é proibido ver mulheres. É, porém, pecaminoso desejá-las ou querer ser desejado por elas (Mt 5,26), porque a concupiscência de uma mulher nos provoca e

é, por sua vez, provocada não só pelo tato e pelo afeto, como também pelo olhar. Não digais, portanto, ter o coração puro, se o vosso olhar é impuro, pois o olhar imodesto revela um coração corrompido. Embora a integridade física não sofra violência, é violada a castidade, quando dois corações se revelam sua impureza mútua, ainda que sem palavras, através de olhares, inflamando-se de paixão um pelo outro em virtude da própria concupiscência carnal.

23) Quem com seu olhar procura uma mulher e se compraz, quando também ela o procura, não se iluda, pensando que outros não perceberam tal comportamento. Isto, certamente, é notado e até mesmo por quem não se espera. Dê-se o caso, porém, que fique oculto aos homens, não sendo observado por ninguém, como ajustará as contas com Aquele que perscruta os corações do alto e a quem nada fica oculto (Pr 24,12.18)? Crê, talvez, que Ele não faça caso disto por ser expectador tanto mais paciente, quanto mais profunda é sua sabedoria? O homem consagrado teme, por conseguinte, desagradar a Deus para agradar, de forma pecaminosa, a uma mulher. Para evitar o desejo desordenado de uma mulher, lembre-se de que Deus vê tudo e que também, neste caso, a Sagrada Escritura recomenda o seu santo temor, dizendo que é detestado pelo Senhor quem tem olhar malicioso (Pr 27,20).

24) Quando estiverdes juntos na igreja ou em qualquer outra parte, onde houver mulheres, velai, reciprocamente, pela vossa pureza, porque Deus que habita em vós (1Cor 3,16; 2Cor 6,16) proteger-vos-á desta maneira através de vós mesmos.

Capítulo 7. Correção fraterna

25) Se observardes em algum dentre vós a petulância dos olhos de que falo, adverta-o logo, para que o mal seja erradicado desde o início.

26) Se, depois da primeira advertência, porém, o vísseis recair na mesma falta, neste ou noutro dia qualquer, então, quem o notar deve denunciá-lo, porque ele, de certa maneira, está ferido e necessita de cura. Antes, porém, leve-se um segundo ou um terceiro a observá-lo, para, que, caso negue a sua falta, possa ser convencido pelo testemunho de duas ou três pessoas e ser punido com o necessário rigor (Mt 18,15-17). Ao revelardes um caso deste tipo, não vos julgueis descaridosos. De forma alguma seríeis menos culposos se calando, permitísseis que o vosso coirmão perecesse enquanto que denunciando-o, poderíeis salvá-lo. De fato, se um irmão vosso tivesse uma ferida e quisesse ocultá-la, receando uma operação dolorosa, não seríeis cruéis, silenciando sobre o caso, e, ao contrário, caridosos, revelando-o? Bem maior é o vosso dever de descobrir isso para evitar que se instale um mal maior no seu coração.

27) Não obstante isto, se, depois da primeira advertência o faltoso não se esforçar para emendar-se, antes de levar outros a observarem a sua falta para servirem de testemunhas, caso a negar, é obrigação denunciá-lo ao respectivo superior, para que este o repreenda secretamente. Com uma repreensão reservada seja, talvez, possível impedir que outros tomem conhecimento do caso. Se a negar, então, deverá ser confrontado com as demais testemunhas. Neste caso será acusado, na presença de todos, não só por uma pessoa, mas por duas ou três (1Tim 5,20). Uma vez provada a sua falta, deverá ser punido de acordo com o critério do respectivo superior local ou superior maior, de forma que se emende. Recusando-se a cumprir a punição deve ser excluído da vossa comunidade, quando não o fizer por iniciativa própria, mesmo contra sua vontade. Nem mesmo isto é ato de crueldade, mas de misericórdia, para evitar que outros sejam levados à perdição pelo contágio de seu mau exemplo.

28) Observe-se, conscienciosa e fielmente, tudo quanto disse sobre a petulância dos olhos, também ao descobrir, afastar, denunciar, provar e punir outras faltas, amando o coirmão e odiando o pecado.

29) Se algum fosse tão longe no mal que chegasse ao ponto de receber, às ocultas, cartas ou qualquer outro presente, mesmo que insignificante, use-se de misericórdia e reze-se por ele, se o confessar espontaneamente. Se, ao contrário, apanhado em flagrante, for necessário comprovar sua falta, seja punido com seriedade, segundo o julgamento do respectivo superior local ou superior maior.

Capítulo 8. Vida em pobreza e em comunidade

30) Conservai as vossas roupas num único lugar sob a custódia de um, de dois ou de tantos coirmãos, quantos forem necessários para cuidar delas e preservá-las da traça. Assim como vos nutris de uma só cozinha, servi-vos igualmente da mesma rouparia. Na medida do possível não vos preocupeis com as roupas que vos serão fornecidas, segundo as estações do ano. A saber, se receberéis novamente aquelas que deixastes na rouparia ou se vos darão o que outro usou. A ninguém, porém deve ser negado o necessário (At 4,35). Se, por este motivo, surgirem descontentamentos e murmurações entre vós (1Cor 1,11; 3,3), isto é, se algum se queixar por ter recebido uma roupa pior que a precedente ou da inconveniência de usar o que outro usou, vede nisto uma prova de quanto vos falta ainda daquela veste interior, o santo habito da alma, ao brigardes por causa da veste do corpo. Em todo o caso, supondo que se tolere esta vossa fraqueza e consentindo-se que vos seja dado de novo o que havíeis deposto ali, deixai vossas roupas, ao menos, num único lugar, sob a custódia comum de quem tem a incumbência de cuidá-las.

31) Nenhum dentre vós trabalhe para si, mas todos visem ao bem comum, dedicando-se ao trabalho com maior empenho e alegria do que se cada um trabalhasse para si próprio. Da caridade está escrito que ela “não procura os próprios interesses” (1Cor 13,5). Isto se compreenda assim: Ela antepõe o comum ao próprio e não o próprio ao comum. Sabei, pois, que o vosso progresso espiritual será tanto maior, quanto mais zelo que tiverdes pelo bem comum, antepondo este aos interesses particulares, de maneira que todas as necessidades temporais fiquem ofuscadas por aquela caridade que permanece eternamente (1Cor 12,31; 13,3).

32) Disto segue que, se alguém traz aos próprios filhos ou a outros parentes da comunidade conventual uma roupa ou outra coisa necessária, não deveis recebê-la às escondidas, mas colocá-la à disposição do superior, para que, posta entre as coisas comuns, ele a distribua a quem necessita. Se algum conservar, às ocultas, um presente recebido, seja julgado réu de furto.

Capítulo 9. Cuidado com a saúde e obrigações administrativas

33) As vossas roupas sejam lavadas, de acordo com as determinações do superior, por vós mesmos ou na lavanderia, de modo que a excessiva preocupação com a limpeza da própria roupa não macule a alma.

34) De forma alguma refuteis o banho térmico do corpo, quando a saúde fraca o requer. Este, no entanto, seja feito a conselho médico e sem reclamações. Logo, o doente faça o que convém à sua saúde, por ordem do superior, também quando isto contraria sua própria vontade. Caso algum queira, apesar de ser prejudicial à saúde, não se condescenda ao seu desejo, porque, às vezes, o que agrada é tido como útil, embora seja nocivo à saúde.

35) Tratando-se de sofrimento físico oculto, acredite-se sem hesitar, no servo do Senhor que manifesta sua indisposição. Se não houver certeza quanto ao efeito apropriado do remédio aplicado contra o seu mal, consulte-se o médico.

36) Aos banhos (públicos) ou para outras saídas quaisquer, não se vá em número inferior a dois ou três, e quem tiver que sair, vá com aquele que o superior determinar.

37) O cuidado dos doentes, dos convalescentes e dos indispostos, mesmo quando sem febre, seja confiado apenas a um. Este providencie da cozinha tudo quanto, segundo seu modo de ver, julgar necessário para cada um.

38) Os encarregados da cozinha, da roupa e da biblioteca sirvam os coirmãos sem murmuração.

39) Os livros sejam pedidos diariamente no horário estabelecido. Não se atenda a quem os pedir fora deste tempo.

40) Os responsáveis pela roupa e pelos calçados atendam, todavia, imediatamente, quando uma urgência o requer.

Capítulo 10. Amor fraterno e reconciliação

41) Não haja brigas entre vós (Eclo 28,10; 2Tim 2,24) ou, se as tiverdes, terminai-as o quanto antes. Caso contrário, a ira transformar-se-á em ódio, tomando uma lasca a forma de viga (Mt 7,3) e fazendo da alma uma assassina, pois lemos na Sagrada Escritura que “quem odeia seu irmão é homicida” (1Jo 3,15).

42) Se um tiver ofendido ao outro, injuriando-o, maldizendo-o ou lançando-lhe em rosto uma falta (Eclo 29,9), procure reparar a ofensa o mais cedo possível. O ofendido, por sua vez, perdoe também sem disputa. E em caso de ofensa recíproca, o perdão seja igualmente recíproco, graças à vossa oração (Mt 6,12). Esta deve ser tanto mais autêntica quanto mais frequente for. Quem, apesar dos seus frequentes impulsos de ira, é solícito em pedir perdão, quando percebe ter ofendido alguém, é melhor do que um que, raramente, se irrita, mas também dificilmente, se prontifica a pedir perdão. Quem não quer perdoar a um coirmão, também não espere fruto de sua oração. Quem sempre se recusa a pedir perdão ou não o faz de coração (Mt 18,35), ainda que dele não seja excluído, está em vão no convento. Abstende-vos, portanto, de palavras ofensivas. Contudo, se vos escapar uma, não vos seja demais tirar da mesma boca que feriu o devido remédio.

43) Se, porém, a necessidade de manter a disciplina e a ordem vos induzir a usar palavras duras na correção dos súditos, não se exige de vós que lhes peçais perdão, quando percebeis que vos excedestes na medida, para que não suceda que, devido à demasiada prática de humildade, diminua o respeito dos súditos para com a autoridade. É preciso, contudo, que peçais perdão ao Senhor supremo que sabe com quanta benevolência amais a quem repreendeis excessivamente. O amor entre vós não seja, entretanto, sensual, mas espiritual.

Capítulo 11. Obediência religiosa

44) Obedecei ao superior local como a um pai (Hb 13,17) e muito mais aos superiores maiores que se preocupam com todos.

45) Para que todas estas prescrições sejam observadas e as transgressões não sejam facilmente descuradas, mas corrigidas com seriedade, é tarefa primordial do superior local apresentar ao superior maior competente o que ultrapassa o âmbito de seu cargo ou de suas forças.

46) O superior não se julgue feliz pelo poder que lhe foi conferido, mas pelo maior raio de ação que tem para praticar a caridade (Lc 22,25-26; Gl 5,13). Ele está acima de vós pela sua posição na comunidade, mas perante a face de Deus, prostre-se aos vossos pés, em virtude de seu temor para com Este (1Tim 2,7). Modere os turbulentos, encoraje os tímidos, sustente os fracos, seja paciente para com cada um (1Ts 5,14). Mantenha a disciplina com amor e saiba imprimir

respeito. E, se bem que ambas as coisas sejam necessárias, prefira antes ser amado, do que temido lembrando-se que deverá prestar contas de vós a Deus (Hb 13,17).

47) Ao obedeceres com solicitude sereis misericordiosos para convosco mesmos e para com quem vos preside (Eclo 30,24) que corre tanto mais perigo, quanto mais alta é a sua posição entre vós.

Capítulo 12. Exortação final

48) O Senhor vos conceda a graça de observar com amor esta Regra, como amigos da beleza espiritual (Eclo 44,6), irradiando o bom perfume de Cristo (2Cor 2,15; 1Pd 2,12; 3,16) pela vossa santa convivência, não como escravos debaixo da lei, mas como pessoas livres sob a ação da graça (Rm 6,14).

49) Para que possais olhar-vos nesta regra, como num espelho, nada transcurando por esquecimento (Tg 1,23-25; Hb 12,5), seja-vos lida uma vez por semana. Se constatares que cumpris tudo o que vos foi prescrito, agradecei a Deus, autor de todo o bem. Se, pelo contrário, verificardes ter faltado em alguma coisa, arrependei-vos do passado e preveni-vos para o futuro, pedindo que vos seja perdoado o débito e que sejais preservados de ulteriores tentações. Amém!

ÍNDICE

Capítulo 1.	Finalidade da vida religiosa.....	3
Capítulo 2.	Fundamento da humildade, respeito e amor recíprocos.....	3
Capítulo 3.	Oração.....	3
Capítulo 4.	Mortificação e refeição em comum.....	4
Capítulo 5.	Consideração e discrição.....	4
Capítulo 6.	Modéstia e responsabilidade recíproca.....	4
Capítulo 7.	Correção fraterna.....	5
Capítulo 8.	Vida em pobreza e em comunidade.....	6
Capítulo 9.	Cuidado com a saúde e obrigações administrativas.....	6
Capítulo 10.	Amor fraterno e reconciliação.....	7
Capítulo 11.	Obediência religiosa.....	7
Capítulo 12.	Exortação final.....	8